



X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"

22 a 24 de Setembro de 2016

São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

CRÔNICAS NA ESCOLA: UM ESTÍMULO À LEITURA NO ENSINO MÉDIO

SANDRA ARAUJO LIMA

EIXO: 15. ESTUDOS DA LINGUAGEM

RESUMO: Este artigo baseia-se numa dissertação de mestrado, na área de Educação e Linguagem, e tem como tema central o gênero textual crônica e sua eficácia para promover o interesse dos alunos de Ensino Médio pelo exercício da leitura. Evidentemente, a crônica por ser um gênero de linguagem fácil, apresentar temas variados e constantes no dia a dia, conquista leitores, dos mais experientes aos iniciantes. Para análise e reflexão deste trabalho, adotamos como base teórica vários autores envolvidos com teorias da leitura e da crônica, tais como Silva (2011), Marcuschi (2008), Soares (2008), Antunes (2009), Cândido (1992), Silveira (2009), entre outros. **Palavras-chave:** leitura e ensino, crônica, ensino médio. **ABSTRACT:** This article is based on my Master dissertation, in Education and Language field, and text genre Chronicle as its main theme and the effective method to arouse the High School students the reading habits. Evidently, chronicle is considered an easy language genre and presents varied themes, and this attractive aspect conquers readers. To analyze and reflect this research, the theoretical framework was based on studies in the field of reading theories and chronic such as Silva (2011), Marcuschi (2008), Soares (2008), Antunes (2009), Cândido (1992), Silveira (2009), and others. **Keywords:** reading and teaching, chronicle, high school.

Introdução É notória a importância da leitura para a inserção social do indivíduo, pois é "um instrumento de acesso à cultura e de aquisição de experiências" (SILVA, 2011, p. 36). Sendo assim, durante a segunda etapa da Educação Básica, comumente se espera que o educando conheça alguns gêneros e apresente competência na leitura destes; no entanto, tem-se observado, em boa parte das salas de aula do Ensino Médio, jovens desinteressados pelo texto escrito. Considerando-se que um dos maiores desafios a ser enfrentado pelas escolas brasileiras é a

formação de leitores proficientes, este trabalho traz um recorte de uma pesquisa de mestrado em Educação, que buscou investigar a prática leitora de alunos e professores de Língua Portuguesa em turmas do Ensino Médio, bem como o interesse deles pela leitura de crônicas, visto tratar-se de um gênero que pode estimular os leitores ao contato com outros gêneros textuais, pois marca presença em vários suportes, tais como revistas, jornais e internet. Além de convidativa à leitura, a crônica pode ser um estímulo para que essa prática se torne frequente entre os alunos. Para Silveira (2009, p. 238), “[...] se o professor fizer uma boa seleção de crônicas, ela poderá despertar no aluno o tão desejado prazer do texto”. Com efeito, a crônica apresenta possibilidades de envolver os jovens aprendizes com a leitura de textos escritos. A pesquisa foi realizada com turmas do primeiro ano do Ensino Médio de duas escolas públicas e de duas escolas particulares, localizadas na cidade de Arapiraca – Alagoas. Para sua efetivação, além dos estudantes participantes, contou-se também com a colaboração dos professores de Língua Portuguesa das turmas onde se realizou a referida investigação.

1. Leitura e ensino

Diante das várias discussões sobre a deficiência em leitura e compreensão de textos escritos apresentadas por boa parte dos estudantes brasileiros, questiona-se como tem sido o ensino da leitura em nossas escolas e se essa atividade vem sendo devidamente valorizada por professores e alunos. Na verdade, talvez as aulas de leitura não vislumbrem a interação leitor/texto/autor, configurando-se em uma metodologia ainda embasada em práticas tradicionais. A respeito, Silva (2005, p.4) acrescenta:

[...] os processos de memorização de conteúdos prefixados – que são determinados pelos textos e reforçados pelos professores – tomam o lugar do conhecimento, do questionamento, da discussão e crítica das ideias veiculadas, impedindo que o aluno-leitor se torne sujeito do trabalho que executa. A bem da verdade, a escola ainda não tem de fato dado a devida importância a atividades que priorizem a discussão dos textos, atribuindo-lhes significados e sentidos, mas aplicado exercícios de interpretação que exploram apenas os seus aspectos explícitos. Além disso, os textos levados à sala de aula (possivelmente) não atendam às necessidades imediatas daqueles a quem são destinados, instaurando, portanto, o desinteresse do seu público alvo. Considerando o desenvolvimento do processo interativo, à medida que as atividades de leitura vão acontecendo, o aprendiz tende a aperfeiçoar a compreensão textual, quando realmente adentra no texto mediante questionamentos, opinião, dentre tantas outras observações que o material escrito permite

fazer. É fato que para essa concretização é necessária a mediação do professor; assim, em um primeiro momento, o aluno aprenderá a interagir com o texto e em seguida com os seus pares. É imprescindível ensinar o educando a decidir “no trajeto da leitura, quais são os significados específicos intencionados pelo texto a fim de configurar a sua unidade e a sua coerência” (SILVA, 2011, p.105), olhar esse objeto como algo revelador que lhe permitirá ver, questionar e compreender as coisas, o outro e a si mesmo. Enfim, a obter e ampliar conhecimento. Essa é a função da escola, que precisa estar preparada para desempenhá-la significativamente, pois deve contribuir para a formação de sujeitos “conscientes e consistentes, críticos, engajados e comprometidos com a cultura e memória do seu país”, segundo enfatizam as Orientações Curriculares Para o Ensino Médio (BRASIL, 2006, p.33). Assim, é importante reconhecer que – de início – na escola as atividades de leitura precisam priorizar textos que seduzam o sujeito aprendiz, a exemplo dos gêneros da literatura e de outros que, de alguma forma, envolvam o leitor.

2. Os Gêneros textuais na escola Os gêneros textuais são estruturas com que se compõem os textos, sejam eles orais ou escritos. Assim como surgem, desaparecem e ressurgem de forma diferenciada, conforme a necessidade e a finalidade de comunicação entre os indivíduos. Bakhtin (1997), ao referir-se aos gêneros, enfoca a infinidade da riqueza e da variedade destes, que provém da inesgotável variedade virtual da atividade humana, cujas esferas comportam um repertório de gêneros discursivos. Estes tiveram início na Grécia Antiga, com os chamados gêneros da literatura (lírico, épico e dramático) e com Aristóteles na tradição retórica, são incontáveis e, por sua vez, representam a diversidade discursiva. A propósito, Marcuschi (2008) ressalta a importância dos gêneros para a interlocução humana, ou seja, os discursos se constituem em gêneros, legitimando-se. Literários ou não literários, orais ou escritos, os gêneros circulam pelo mundo e são relevantes para a construção do conhecimento. São considerados exemplos de gêneros textuais: bulas, cartas, editoriais, comédia, entrevista, decretos, crônica, entre tantos outros. Notadamente, o espaço propício para a circulação e o conhecimento dessas diferentes formas de expressão é a escola, promovendo atividades de leitura que levem o aluno a compreender que as produções orais ou escritas realizadas dentro ou fora desse espaço caracterizam um gênero. Nesse sentido, Lopes-Rossi (2011, p. 71-72) comenta:

As atividades de leitura devem levar os alunos a perceber que a composição do gênero – em todos os seus aspectos verbais e não verbais, nas informações que apresenta ou omite, no destaque que dá a algumas, mais do que a outras – é planejada de acordo com sua função social e seus propósitos comunicativos. Isso contribui para a formação de um cidadão crítico e participativo na sociedade. Daí a importância de se priorizar uma prática pedagógica voltada à leitura de diversos gêneros, conduzindo o aluno a identificar o propósito comunicativo que o texto apresenta por meio das pistas que ele fornece, a exemplo da linguagem e do discurso, entre outras que possam ser reconhecidas. Esse recurso igualmente propiciará a identificação do gênero bem como a sua função social. Um exemplo é a crônica cuja finalidade é mostrar a grandiosidade e a singularidade dos acontecimentos miúdos do cotidiano, apresentando uma linguagem que mescla aspectos da escrita com outros da realidade. **3. A crônica na sala de aula** Um olhar detalhado sobre o cotidiano, a valorização de determinados aspectos da vida, talvez antes nunca observados pelo leitor, fazem da crônica um gênero persuasivo à leitura. Além disso, mantém um tom conversacional, o que facilita a interação com o leitor, convidando-o a se envolver com um texto que leva a refletir sobre os aspectos da vida e à elaboração de um ponto de vista crítico a respeito do que a crônica expõe e propõe (MONTEIRO, 2011). Dessa forma, trata-se de um gênero que encaminha o jovem aprendiz a outros gêneros com os quais faz fronteira, a exemplo do mini conto e do artigo de opinião, respectivamente explorados especialmente no Ensino Médio. O primeiro, nos estudos literários e o segundo, no estudo da argumentação. Decerto que o aluno primeiro necessita ser induzido à chamada leitura prazer para ir progressivamente realizando outras leituras, tal qual a leitura para estudo e aprendizagem, a leitura reflexiva e a leitura instrumental. Desse modo, a escola estará também contribuindo para a formação de um sujeito ativo de sua interpretação, que transforma o próprio pensamento, cria e recria significados. De nada adianta – a princípio – levar à sala de aula uma série de textos se estes não cativarem o leitor, o material escrito a ser lido e trabalhado necessita atender às necessidades imediatas do seu leitor, a exemplo do assunto e da linguagem acessíveis a ele. A esse respeito, Filipouski e Marchi (2009) asseveram que para ler textos com estrutura e vocabulário ainda desconhecidos dos alunos, é necessário um trabalho inicial

com textos curtos e menos exigentes. Nesse sentido, além de conter elementos típicos da literatura, a exemplo da linguagem poética, metafórica, a crônica também é jornalística, por apresentar traços característicos de textos informativos. Assim, torna-se uma grande aliada do professor durante o processo de informação e opinião trabalhado em sala de aula, uma vez que suas temáticas são estruturadas no cotidiano, permitindo dessa forma uma cumplicidade com o leitor, ensinando-o a conviver intimamente com as palavras, sentindo-as na força dos seus valores próprios, conforme ressalta Cândido (1992). Vale salientar que, antes de tudo, é prioritário o interesse do professor pelo gênero que será trabalhado em sala de aula, para que assim consiga envolver os alunos nos seus propósitos com o texto. Sendo a crônica um gênero leve e que atende aos leitores, pode ser aceita facilmente por quem a lê.

4. Metodologia aplicada Para a investigação da qual trata este artigo, elegeu-se como metodologia a pesquisa qualitativa, visando à descrição, comparação e interpretação dos dados obtidos em quatro turmas de primeiro ano do Ensino Médio, sendo duas de escolas públicas e duas de escolas particulares, todas localizadas na cidade de Arapiraca, Alagoas. A pesquisa buscou identificar e compreender o nível de interesse dos alunos pela leitura de crônicas. Para isso, utilizamo-nos do questionamento como meio principal da coleta de dados realizada mediante a aplicação de questionário e entrevista oral. A opção pelo primeiro instrumento deu-se por ser uma técnica vantajosa quanto ao uso eficiente do tempo, além do anonimato que proporciona, permitindo que os entrevistados ficassem mais à vontade para responder às perguntas. A respeito, Moreira e Caleffe (2008) atestam que o questionário é considerado um procedimento que permite coletar informações de um número maior de pessoas ao mesmo tempo e no ritmo dos respondentes. A entrevista, segundo instrumento utilizado na coleta dos dados, é uma técnica que, por almejar uma obtenção de informações interessantes a uma investigação, constitui-se por meio de perguntas orientadas, partindo do pesquisador para o respondente, permitindo entre ambos um contato face a face. É um procedimento que estabelece uma inter-relação entre entrevistador e entrevistado para que se crie entre eles confiabilidade, resultando em dados fidedignos para a pesquisa (ROSA e ARNOLDI, 2008). Na investigação aqui mencionada, esse processo aconteceu visando ao cruzamento entre os dados por ele obtidos e o que foi adquirido por intermédio do questionário aplicado. Assim, por meio dos resultados alcançados com os estudantes e os professores respondentes, procuramos conhecer o andamento das práticas de leitura nas escolas onde aconteceu a investigação, especialmente a leitura de crônicas, bem como o interesse dos alunos por esse gênero. Porém, antes buscamos traçar um perfil dos

informantes. **5. Perfil dos alunos informantes** Os 141 alunos informantes à época da pesquisa caracterizavam-se como adolescentes, já que estavam numa faixa etária de 14 a 18 anos. Eram oriundos das classes sociais baixa e média nas escolas públicas; média e alta nas escolas particulares. Aqueles que estudavam nas escolas particulares em maioria residiam no perímetro urbano da cidade de Arapiraca ou no perímetro urbano de outras cidades circunvizinhas. Já nas escolas públicas estudavam tanto alunos residentes em Arapiraca quanto na zona rural dessa cidade. Visando conhecer as fontes de leitura e de gêneros textuais mais utilizados por esses alunos durante as suas leituras, obtivemos a informação de que a preferência deles são os livros e em seguida as revistas. Os dados provêm tanto dos respondentes das duas escolas públicas quanto dos respondentes das duas escolas particulares. Possivelmente, entre esses livros estejam os de ficção (romances), biografias e também livros didáticos. Os questionários igualmente revelaram que, dentre os 72 alunos respondentes das duas escolas públicas, 95, 85% tinham idade entre 14 e 16 anos. Essa mesma faixa etária foi observada em 94,03% de um total de 67 informantes das duas escolas particulares. Também foi constatado que nas escolas públicas 2, 77% dos alunos informantes contavam com 17 e 18 anos e nas escolas particulares 5,97% estavam nessa mesma faixa etária. Com essa informação, revelou-se que nas quatro instituições de ensino a maior parte dos alunos encontrava-se com idade dentro da faixa de escolarização aguardada para o primeiro ano do Ensino Médio, enquanto uma minoria deles já estava com idade defasada. Entre as formas de lazer sugeridas (televisão, cinema, ouvir música, esporte e barzinho), a televisão liderou a opção dos alunos respondentes das escolas públicas. Consideramos a possibilidade de essa preferência estar respaldada no poder atrativo que os programas de televisão aberta exercem sobre as pessoas, principalmente sobre os jovens. Ainda levamos em conta o fato de boa parte dos estudantes das escolas públicas ser oriunda das classes populares para quem a televisão tornou-se a forma mais completa e acessível de lazer. Contudo, essa forma de diversão é ameaçadora à leitura, pois enquanto os jovens a têm como lazer, passam a ver a leitura apenas como obrigação ou dever, alerta Soares (2008). Ainda em se tratando das formas de lazer apontadas anteriormente, a opção dos alunos respondentes das escolas particulares, em maioria, apontou para a música. Cremos que essa preferência se caracterize talvez pela procura de sonho, fantasia, assim como formas de ver o mundo e atribuir-lhe sentidos, uma vez que a música pode ser um componente importante na formação intelectual do indivíduo. Constatamos também que o gênero textual preferido dos estudantes respondentes das quatro escolas é o romance. Inicialmente pode-se deduzir que essa escolha se dê por se tratar de um gênero mais próximo dos alunos. Outra possibilidade advém da influência da escola e do professor ao indicar e trabalhar em sala de aula romances da literatura brasileira, indicados para o vestibular. Em razão disso, percebemos que a escola não

pode, portanto, limitar-se apenas ao ensino de alguns gêneros, outros precisam igualmente ter seu espaço nessa agência formadora de opinião e contribuir para propiciar ao estudante um encontro significativo com um grande contingente de informações (ANTUNES, 2009). Nesse sentido, também é importante desenvolver atividades relacionadas a outros gêneros que venham igualmente contribuir para o crescimento intelectual do indivíduo. **5.1. Perfil dos**

professores informantes Dos oito professores informantes, constatou-se apenas um do sexo masculino, enquanto sete eram do sexo feminino. Essa informação parece confirmar uma tendência de que as áreas de Língua Portuguesa, Literatura e Redação são mais tendentes aos profissionais do sexo feminino. Todos os professores têm especialização, sendo que à época da pesquisa dois ainda a estavam cursando. Diferentemente dos alunos, as respostas dos oito professores sobre o lazer preferido de cada um deles provocou um empate entre os itens leitura e ouvir música. Talvez para uma parte desses docentes a leitura não seja considerada um lazer, mas um trabalho. Já os livros e as revistas foram indicados como as fontes de leituras ou suportes de gêneros textuais mais utilizados por eles. Com efeito, os professores utilizam esses suportes não só para aprimorar seus conhecimentos, mas também como subsídios para as suas aulas. A exemplo das indicações dos alunos, o romance foi apontado pela maioria dos docentes como o gênero textual preferido deles. Essa constatação revela a possibilidade de as opções leitoras do professor influenciar as preferências leitoras dos alunos. Nesse sentido, ao se referir à formação de leitores literários, Burlamaque (2006) acrescenta que a formação do leitor é mediada pela experiência leitora do professor. No caso do romance, tanto para o aluno quanto para o professor, entre os gêneros literários, ele é mais acessível por conta da sua popularidade. Outro gênero que obteve destaque nas respostas dos professores foi a crônica. Essa é uma informação que ressalta o espaço que o referido gênero vem alcançando nas leituras dos professores informantes e que precisa estender-se às salas de aula pela mediação do professor. **6. Questões específicas do ensino: dados dos alunos**

informantes As questões específicas de ensino foram pensadas com o propósito de verificar a opinião dos docentes e discentes sobre as práticas de leitura desenvolvidas no Ensino Médio e especialmente a atenção dada à crônica durante essas aulas. As informações obtidas dos alunos informantes das escolas públicas revelaram que a crônica tem uma razoável presença nessas instituições, isso pode advir da linguagem fácil e da temática geralmente voltada para o cotidiano, além da forte presença desse gênero nos livros didáticos. Ademais, os professores de Língua Portuguesa das escolas públicas são motivados pela Olimpíada de Língua Portuguesa[i] a desenvolver aulas direcionadas à leitura de crônicas, o que lhes instiga a levá-las para a sala de aula mais vezes. Por outro lado, os dados alcançados nas escolas particulares revelaram que a preferência dessas escolas recai sobre o artigo de opinião, fato que pode estar relacionado aos textos dissertativos/ argumentativos, comumente os mais

solicitados em provas de redação nos vestibulares. Nessas escolas, observou-se que a crônica fica relegada a uma posição inferior ao artigo de opinião, o que leva a conjecturar que os professores dessas instituições, mesmo conscientes de que se trata de um gênero que “satisfaz desde os mais refinados dos gostos aos menos atentos dos leitores [...]” (MONTEIRO, 2011, p. 267), concentram-se mais no que é proposto pelos vestibulares. Essa observação é ratificada pelos estudantes das escolas públicas e também das escolas particulares ao informarem que a crônica ainda não é um gênero trabalhado com frequência e explicitamente pelos professores dessas instituições. No entanto, a maior incidência dos profissionais que levam crônicas para a sala de aula é nas escolas públicas, isso pode demonstrar que os professores dessas instituições sentem-se mais à vontade para trabalhar o gênero que julgarem pertinente para a aprendizagem do aluno. Mesmo assim, a crônica é um gênero cuja leitura ainda não havia se intensificado nas salas de aula onde essa pesquisa se realizou. **6.1**

Questões específicas do ensino: dados dos professores informantes Em relação à prática de leitura executada pelos alunos, os professores informaram que **a maioria** deles gosta de ler, no entanto não foram exatos para as respostas **sim** ou **não**. Diante desse dado é perceptível a carência de se desenvolver atividades de leitura que, além de estimular aqueles que ainda não se envolveram com essa prática, também se destinem à formação da competência leitora daqueles que gostam de ler. Os professores ainda informaram a frequência com que trabalham o texto na sala de aula e 50% deles afirmaram que isso acontece apenas uma vez por semana. Talvez essa frequência de contato efetivo com o texto não seja suficiente para desenvolver práticas produtivas de leituras. Convém também lembrar que “a passagem pela escola, muitas vezes, é a única oportunidade que o aluno tem de entrar em contato com a leitura” (BURLAMAQUE, 2006, p. 80). Sendo assim, o professor precisa priorizar em sala de aula as atividades concernentes ao texto escrito. Em se tratando de gênero textual, os docentes foram unânimes ao reconhecerem a eficácia da crônica enquanto gênero que pode contribuir de modo significativo para conduzir o aluno às práticas de leitura do texto escrito. De acordo com Proença Filho (2008, p. 148), a crônica passou “[...] a ganhar lugar privilegiado na agência cultural altamente disseminadora do hábito da leitura: a escola.” Logo, percebe-se o valor que esse gênero tem alcançado frente aos professores enquanto propagador da leitura. Trata-se de um reconhecimento resultante do compromisso que parte deles tem com a formação intelectual dos seus alunos. Assim, a responsabilidade dos docentes para motivar os estudantes à leitura obteve um considerável assentimento dos professores informantes. Todavia, alguns deles expressaram que parte do sucesso da aprendizagem do aluno depende igualmente da família, especialmente dos pais. De fato, a participação da família no desempenho escolar do aluno, especialmente no exercício da leitura, é primordial. No entanto, é a escola a responsável maior por garantir ao estudante o contato com as

diversas práticas discursivas, orientando-o à interação com o outro por meio dessas práticas.

Considerações finais A pesquisa sobre as práticas escolares da leitura, especialmente da leitura de crônicas, revelou a importância de se trabalhar nas salas de aula do Ensino Médio com um gênero que cumpra o papel de conduzir o jovem aprendiz ao envolvimento com a leitura. Assim, o assunto abordado neste artigo é de grande relevância para o ensino da leitura, pois enfatiza a necessidade de uma atenção significativa a essa prática em sala de aula, especialmente por meio do trabalho voltado à leitura de crônicas, um gênero que pode facilitar o contato do aprendiz com o texto escrito, conduzindo-o a desenvolver a imaginação, a criatividade e a reflexão numa interação com o texto. Para isso é necessário que haja comprometimento da escola e dos professores para a formação de uma geração de leitores proficientes. Mediante as informações colhidas tanto dos alunos quanto dos professores, constatou-se que o trabalho com a leitura por intermédio das crônicas é mais presente nas escolas públicas, considerando o fato de nessas instituições os professores sentirem-se à vontade para conduzir suas aulas. O mesmo não se pode dizer das escolas particulares, ali as práticas pedagógicas precisam atender o planejamento da escola, que segue à risca as exigências do vestibular. Daí a maior parte dos respondentes dessas instituições haver citado o artigo de opinião como o gênero mais lido por eles, pois se caracteriza pela argumentação, bastante exigida nos textos produzidos para os vestibulares. Observando os dados apresentados por alunos e professores, percebemos que (à época da coleta dos dados) não foi identificada uma distinção entre as práticas de leitura desenvolvidas nas quatro escolas onde ocorreu a pesquisa. A diferença estava apenas nos gêneros priorizados por elas: a crônica nas instituições de ensino público e o artigo de opinião nas instituições de ensino particular. Ademais, as atividades de leitura não eram frequentes, aconteciam apenas uma vez por semana, segundo revelações de grande parte dos professores informantes. Ressaltamos, portanto, a importância, tanto para a escola quanto para o professor, de refletir sobre a necessidade e a prioridade de se formar sujeitos leitores a partir de ações que possam colaborar significativamente para o envolvimento do aprendiz com o texto verbal escrito.

Referências ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino:** outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. BAKHTIN. Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio:** linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília, DF, Secretaria de Educação Básica, 2006. v. 1. BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. Os primeiros passos na constituição de leitores autônomos: a formação do professor. In: TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann (Org.). **Leitor**

formado, leitor em formação: leitura literária em questão. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2006. CANDIDO, Antonio et al. **A crônica:** o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. FILIPOUSKI, Ana Maria Ribeiro; MARCHI, Diana Maria. **A formação do leitor jovem:** temas e gêneros da literatura. Erechim: Edelbra, 2009. LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. Gênero discursivo no ensino de leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karin Siebeneicher (Orgs.). **Gêneros textuais:** Reflexões e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008. MONTEIRO, Maria da Conceição Silva Dantas. Crônica literária: um gênero e sua tradição. In: GOMES, João Bosco Figueiredo; OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de; ARAÚJO, Silvano Pereira de. (Org.). **Práticas linguageiras, literatura e ensino.** Mossoró: Edições UERN, 2011. MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. PROENÇA FILHO, Domício. Reflexões sobre a crônica na literatura brasileira. In: CAVALIERE, Ricardo (Org.). **Entrelaços entre textos:** miscelânea a Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Maria Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa:** mecanismos para validação de resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Elementos de pedagogia da leitura.** São Paulo: Martins Fontes, 2005. SILVA, Ezequiel Teodoro da. **O ato de ler:** fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez, 2011. SILVEIRA, Maria Inez Matoso. Ateliê de crônicas & portfólio. **Leitura:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL, v. 42 p. 237-249, 2009. SOARES, Magda. Leitura e democracia cultural. In: SANTOS, Maria Aparecida Paiva Soares dos et al. (Org.). **Democratizando a leitura:** pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

[1] Concurso de produção de texto para alunos e professores de escolas públicas brasileiras, do 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. A Olimpíada de Língua Portuguesa é desenvolvida em parceria com o Ministério da Educação.

Disponível em:

[https://www.](https://www.escrevendoofuturo.org.br)

[escrevendoofuturo.org.br](https://www.escrevendoofuturo.org.br)

/programa . Acesso em 05/08/2016.

[1] Mestre em Educação – Educação e Linguagem pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Licenciada em Letras – Português pela Universidade Estadual de

Alagoas – UNEAL. Professora do Instituto Federal de Alagoas – IFAL – Campus Arapiraca. E-mail: sandraleda@oi.com.br

Recebido em: 07/08/2016

Aprovado em: 08/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: